



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6375 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT17 - Filosofia da Educação

O PENSAMENTO DE LOUIS ALTHUSSER E OUTROS DISCURSOS SOBRE EDUCAÇÃO

Alex Lins Ferreira - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

O PENSAMENTO DE LOUIS ALTHUSSER E OUTROS DISCURSOS SOBRE EDUCAÇÃO

1 Introdução

Não se trata neste trabalho, no que tange ao objeto problemático posto, buscar formas prontas e acabadas, pois entendemos a complexidade que cerca todo processo de formação de subjetividades, suas contradições, antagonismos e ambiguidades.

É certo, que a reflexão que iremos fazer nos tira de uma certa zona de conforto, até mesmo porque ingenuamente ou equivocadamente pensamos na maioria das vezes, que à escola é a salvadora de todos os problemas da existência humana, bem como, na concepção de um sujeito livre, autômo, autossuficiente, autoconsciente.

Para a realização do presente trabalho fizemos uma pesquisa teórica das denominadas teorias críticas-reprodutivistas. Na impossibilidade de fazermos uma análise de todos os pensadores desta linha de pensamento, fizemos a opção pelo pensador francês Louis Althusser (1918-1990), pois o compreendemos ser este o mais recorrente no debate pedagógico brasileiro. O objeto problemático a ser analisado neste artigo se situa fundamentalmente em responder as seguintes questões? As críticas feitas as teorias denominadas críticas-reprodutivistas, e especificamente a Althusser têm respaldo nas ideias do pensador francês? Em que consistem tais críticas e qual o seu ambiente de afirmação e aceitação?

2 Algumas contribuições das teorias críticas-reprodutivistas para o campo da educação

Todos nós sabemos que desde o período de 1500 até a atualidade, pouco se tem avançado no tocante a garantia e na efetivação de um processo educativo escolar que prime os interesses sociais, políticos e econômicos das classes subalternas, tal afirmação não nega a relevância educacional, política e social de vários pensadores brasileiros que tentaram inverter a ordem da lógica do dominador e da inculcação ideológica da classe dominante, que ainda nos tempos atuais predominam.

A princípio já podemos afirmar que as teorias críticas-reprodutivistas tiveram e têm um papel indispensável no processo educativo escolar, bem como, em outros processos educativos que si experienciam em outras práticas sociais.

De maneira geral, os críticos-reprodutivistas se apropriaram e incorporaram nas suas reflexões às críticas que Marx e os pensadores marxistas fizeram ao sistema capitalista, entre eles, destacam-se: o próprio Marx (1818-1883); Engels (1820-1895); Lênin (1870-1924); Lukács (1885-1971); Gramsci (1891-1927).

Inicialmente, frisamos que o nosso referencial teórico no tocante a esta reflexão, é o pensador Louis Althusser. Uma pergunta pode surgir de imediato: Por que Althusser? No nosso olhar sobre as teorias críticas-reprodutivistas o autor francês foi e ainda é um dos mais recorrentes nos debates sobre política, sociologia, filosofia, educação, etc.

Retomar o referencial teórico de Althusser significa problematizar e desfazer algumas ideias de que o mesmo ao fazer uma análise do Estado, da sociedade e dos aparelhos ideológicos do Estado se limitou apenas a constatar a dominação da classe dominante sobre a classe trabalhadora, bem como a reprodução da ideologia dominante, o rotulando como pensador pessimista e tantas outras críticas.

Nada impede que tais interpretações aconteçam, principalmente para aquelas e aqueles que encontram e só encontram uma possível libertação dentro do processo educativo escolar, em detrimento muitas vezes de outros processos educativos. Por se tratarem na nossa visão de afirmações um tanto polêmicas e complexas tentaremos neste trabalho fazermos afirmações provocativas ao mesmo tempo que ousamos responder algumas inquietações no que tange as interrogações a seguir: Althusser como um dos críticos-reprodutivistas como o é denominado, se limitou apenas a reprodução da ideologia dominante? o pensador francês foi pessimista no que tange uma possível transformação libertadora da sociedade mediante um processo educativo escolar? Para Althusser existe um processo educativo para além do passo a passo propedêutico escolar? Qual a concepção de sujeito em Althusser?

No que se refere as duas primeiras questões a nossa resposta é um enfático não. Não é demasiado repetir que a maioria dos teóricos brasileiros e estrangeiros cometeram erros e equívocos ao interpretar o pensamento althusseriano.

Tais atitudes tem causado uma atmosfera de conflitos epistemológicos. Na nossa compreensão, levando consideração o movimento do movimento das ideias, a complexidade do processo educativo, bem como, a dinâmica intelectual que tal processo exige, torna-se inviável do ponto de vista dialético limitar o pensamento de um determinado pensador a apenas um dos seus momentos históricos ou escritos históricos.

No que se refere aos teóricos que se debruçaram a fazer críticas profundas ao sistema capitalista, principalmente aqueles que atribuíram a educação e especificamente à escola, e de maneira geral dissecaram e afirmaram que todos os aparelhos ideológicos de Estado reproduzem predominantemente a hegemonia dominante e as relações de produção foram “engavetados” como críticos-reprodutivistas. Estas e tantas outras nomenclaturas no nosso entendimento ofuscam a possibilidade de determinados pensadores serem analisados a partir de outros olhares.

Louis Althusser, não foi uma exceção. Diante do exposto iremos tentar responder com maior ousadia às questões que nos propomos. No tocante a questão de que Althusser se limitou a fazer uma análise principalmente nos “aparelhos ideológicos de Estado” apenas denunciando estes como instrumentos da reprodução da ideologia dominante, não encontra respaldo no pensamento do autor francês. Muitos pelo contrário.

[...] A classe (ou aliança de classes) no poder não dita tão facilmente a lei nos AIE como no aparelho (repressivo) de Estado, não somente porque as antigas classes dominantes podem conservar durante muito tempo fortes posições naquelas, mas porque a resistência das classes exploradas pode encontrar o meio e a ocasião de expressar-se neles, utilizando as contradições ou conquistando pela luta posições de combate (ALTHUSSER, 1985, p. 72).

Neste expressar do autor francês, é incorreto pensar que o mesmo apenas denunciou o sistema capitalista e sua reprodução ideológica, bem como, as relações de produção, são basicamente três elementos que nos autorizam a frisar a importância das ideias althusserianas em relação a uma possível emancipação das classes subalternas dentro do que ele chama “Aparelhos ideológicos de Estado”, a saber: resistência, contradições e combate.

O pensador em análise não pode ser considerado pessimista no que tange a emancipação da classe operária, e nem tão pouco ser criticado porque não pensou em teorias ou estratégias de superação no que se refere ao processo de dominação da classe hegemônica sobre a classe subalterna. Muito pelo contrário, Althusser além de ser um grande conhecedor das principais ideias da sua época, foi um filósofo cujo engajamento social e político nas lutas da classe trabalhadora, nos incita a cada momento histórico a lê-lo, analisá-lo, compreendê-lo e problematizá-lo.

As críticas ao pensador francês na maioria das vezes se justificam a partir da ótica daqueles que acreditam que a educação escolar tem predominância sobre os outros espaços sociais educativos, e mais, por atribuem a instituição escolar o espaço de transformação social, de formação de sujeitos iluminados, conscientes e autônomos. Tal compreensão está enraizada naqueles que ainda não conseguiram na sua práxis pedagógica, nas suas práticas sociais e políticas, bem como, no âmbito das suas teorias superar a concepção de sujeito autossuficiente, livre, autônomo, crítico, herdadas da modernidade.

3 Outros discursos sobre educação

Historicamente a educação escolar até os dias atuais sempre foi vista como o locus para o desenvolvimento social, político, econômico e humano. Ora com maior proporção, ora com menos. O que defendemos é que todo processo educacional institucional ou não, são nas suas práticas, possíveis instrumentos de transformação. A educação escolar institucionalizada que é aceita por vários pensadores brasileiros renomados como lugar privilegiado para a superação da ideologia dominante e suas práticas, talvez seja um pensar equivocados. Vejamos o que diz Libânio:

A pedagogia dos conteúdos de sentido crítico-social afirma que a emancipação das camadas populares requer o domínio dos conhecimentos escolares como requisito essencial para compreensão da prática social, vale dizer, do movimento de desenvolvimento do povo. Acredita, também, que o trabalho na escola não é substituído pela prática política fora dela, antes, a prática escolar é uma prática política, enquanto instância transformadora das consciências. (LIBÂNIO, 2014, p. 77).

É interessante que Libânio é dos grandes pensadores do campo da educação, e sabe que a escola capitalista não está disposta a abrir mão no sentido de fazer com que as classes subalternas se apropriem e incorporem de conhecimentos necessários para sua elevação e organização enquanto classe.

Não estamos afirmando aqui que os saberes historicamente elaborados, sistematizados culturalmente não sejam relevantes para a classe dominada nas relações de poder e nas relações de produção. Com certeza o são, e, à escola pode contribuir para a formação de uma

consciência emancipatória.

O que queremos frisar é que os “donos do poder e do conhecimento”, dentro de uma sociedade de formação capitalista não seriam tão ingênuos ao ponto de gerar no próprio aparelho que está na maioria das vezes a serviço da reprodução da hegemonia dominante, práticas explícitas que orientem as classes não privilegiadas acerca da sua luta e emancipação. Nesse sentido, outros espaços onde acontecem outros processos educativos, a exemplos dos sindicatos, as ligas camponesas, as associações comunitárias, os movimentos sociais, etc., a partir das suas práticas sociais e experiências tensionam mudanças e novas relações dentro do aparelho escolar.

Portanto o engajamento político extra-muros da escola é essencial para uma práxis libertadora. É nesse contexto que se funde teoria e engajamento. Mas, em última instância é o engajamento político, econômico e social que ilumina e dá sentido à apropriação e incorporação dos conhecimentos culturalmente elaborados e sistematizados historicamente e não inverso.

Ainda dentro desse contexto de predominância da educação escolar salienta Saviani:

Ora, na sociedade atual pode-se perceber que já não é possível compreender a educação sem a escola porque a escola é a forma dominante e principal de educação [...]. A escola é, pois, compreendida a partir do desenvolvimento histórico da sociedade; assim compreendida, torna-se possível a sua articulação com a superação da sociedade vigente em direção a uma sociedade sem classes, a uma sociedade socialista (SAVIANI, 2000, p. 119-120).

Nos parece que todos esses discursos sobre a educação escolar como protagonista de uma possível superação da ordem vigente beira a um idealismo sem precedentes, e que precisa ser combatido extramuros das instituições escolares.

Ratificamos que a educação escolar tem sua importância, inclusive nas transformações sociais, políticas e econômicas. Mas, atribuí-la uma condição instrumental predominante no que se refere a emancipação dominador/dominado é um equívoco. Daí a importância dos movimentos sociais, pois eles na realidade tensionam e fomentam mudanças no processo da educação escolar, até mesmo porque a tendência da educação escolar na maioria das vezes é reproduzir o status quo da classe dominante.

Rodrigues, nos chama atenção para:

Não temos a ilusão de que através da escola, reformaremos a sociedade ou faremos uma revolução social. Estamos, apenas, consciente que na escola, poderemos dar exemplos que, incorporados a conquista social se transforma em meta para toda a sociedade (RODRIGUES, 1996, p. 95).

Pensamos que entre os limites das teorias progressistas, está em atribuírem uma função a educação escolar que ela não tem de maneira isolada, enquanto aparelho de Estado capitalista. Ela precisa necessariamente das organizações políticas organizadas, para juntas abrirem fissuras nas relações de dominação e encontrar alternativas possíveis de uma práxis pedagógica institucional ou não que abram caminho para futuras transformações e consequentemente uma escola mais próxima dos interesses da classe trabalhadora.

Sobre a ausência de uma pedagogia entendida como sólida, diz Brayner:

O fato é que enquanto enxergamos na educação um sucedâneo da salvação

religiosa, um ato político que nos levará ao reino da liberdade ou uma simples relação de ensino e de aprendizagem e tratá-la – prioritariamente – no interior da instituição escolar cuja forma não mudou substantivamente desde o século XVI, continuaremos, a ter muitas dificuldades em enfrentar a relação entre educação e sociedade e, pior, na ausência de projetos de subjetivação mais sólidos e estruturados (o que demanda bastante tempo) terminamos por aceitar o canto da sereia das “pedagogias e resultados” baseados em aferições quantitativas de aprendizagem puramente cognitivas (BRAYNER, 2015, p. 133-134).

Na atualidade, principalmente nesses últimos cinquenta anos, nunca se produziu tanto na área da educação, mais intensamente na educação escolar. São várias pesquisas nesse campo, a exemplo das denominadas pedagogias do conflito, crítico-social dos conteúdos, pedagogia histórico-crítica, pedagogia profana, emocional da resistência, etc.

Entretanto, podemos constatar poucos avanços no que concerne a superação das desigualdades sociais e na emancipação das classes subalternas, enquanto isso as pedagogias de resultados, crescem assustadoramente, então, está mais do que na hora de se mudar as estratégias em prol da emancipação da classe trabalhadora.

Nós pensamos que uma das primeiras estratégias e talvez a mais expressiva é não concentrarmos as nossas reflexões enfatizado e afirmando a educação escolar como meio e o lugar quase que exclusivo das possíveis transformações que pode acontecer na sociedade.

4 Althusser, escola e educação

Na reflexão que segue, todo nosso esforço é tentar mostrar que Althusser não só denunciou o sistema capitalista e especificamente os aparelhos ideológicos do Estado como espaços e instrumentos de garantia da reprodução da ideologia dominante. Mas foi propositivo e mostrou caminhos para tensionar as relações de opressão. Tampouco negou aos sujeitos a dimensão de autor do seu processo histórico. O que Althusser rompe como já mencionado, é com uma concepção que atribui aos sujeitos uma autonomia, uma autoconsciência, uma autossuficiência. Sobre isto observemos: “As ideologias não cessam de interpelar os sujeitos como sujeitos, “recrutar” sempre já sujeitos. Seu jogo sobrepõem-se, entrecruza-se, contradiz-se sobre o mesmo sujeito, sobre o mesmo sempre já (várias vezes) um sujeito. Cabe a ele se virar[...] (ALTHUSSER, 2008, p. 215).

Notadamente o que Althusser está problematizando é toda uma concepção de formação do sujeito e de subjetividades que ainda estão presentes nos discursos das pedagogias progressistas. Dentro deste contexto toda uma concepção de sujeito iluminado, livre, autônomo, etc., se encerra na ambiguidade de um sujeito ora agindo livremente, ora assujeitado.

Althusser foi um dos primeiros pensadores a abandonar os principais pilares que sustentavam e sustentam as pedagogias cujo centro é o sujeito autoconsciente, autônomo, livre, centrado e autossuficiente, mas ao fazê-lo em nenhum momento deixou de acreditar na força política de transformação da classe trabalhadora.

Vejamos algumas citações no tocante crença de Althusser na luta dos trabalhadores em uma perspectiva de tensionamentos no interior dos AIE.

[...] os AIE podem não apenas ser os meios mas também o lugar da luta de classes[...] não somente porque as antigas classes dominantes podem conservar durante muito tempo fortes posições naqueles, mas porque a resistência das classes exploradas pode encontrar meio e ocasião de

expressar-se neles, utilizando as contradições existentes ou conquistando pela luta posições de combate (ALTHUSSER, 1985, p. 71- 72).

O Essencial do pensamento Althusseriano no que se refere à escola e consequentemente a educação é a sua maneira singular de fazer uma crítica ao sistema capitalista e seus aparelhos ideológicos de Estado sem deixar de atrelá-los as lutas da classe trabalhadora, e, mais ainda, combater e resistir a ideologia dominante dos próprios aparelhos ideológicos de Estado.

Se a educação escolar tem um limite, limite este de formação humana, de formação intelectual, de formação política, a educação extramuros, tendo como referência a interpelação ideológica pedagógica não se esgota nunca.

5 Considerações finais

Como toda pesquisa, esta também chegou ao fim, fim não no sentido de termos dito tudo sobre o tema, mas na perspectiva de termos feito um esforço de concretizar o que dissemos na introdução: Seremos ousados e provocativos.

Althusser foi perspicaz ao desatrelar uma possível emancipação da classe trabalhadora necessariamente via educação escolar. Não foi determinista e nem tampouco pessimista. O pensador francês pela sua própria práxis como militante, acreditava no movimento do movimento, ou seja, analisou o movimento que acontece nos aparelhos ideológicos de Estado e suscitou, fomentou, problematizou e incentivou outros movimentos. Movimentos estes que negaria a instituição escolar e a educação lá transmitida como predominante na formação dos sujeitos conscientes, transformadores da sociedade, sugerindo a interpelação ideológica como um possível elemento de formação dos sujeitos e subjetividades. Abandonando assim, um processo de educação linear, passo a passo, que se sai do senso comum à consciência filosófica.

Não nega como vimos, que a educação escolar pode contribuir para a formação de militantes e até mesmo das massas, mas é enfático ao afirmar que uma possível libertação da classe trabalhadora acontece mediante as lutas de classes travada nas organizações políticas, nas relações de produção e nos conflitos e tensionamentos provocados nas suas práticas sociais e experiências historicamente situadas.

Como dissemos, este trabalho não esgota as questões postas, muito pelo contrário, deixa algumas lacunas para críticas, bem como, para outras investigações, entre elas: qual o papel da ideologia na formação dos sujeitos.

Palavras-chave: Educação- Ideologia- Resistência- Libertação.

6 Referências bibliográficas

ALTHUSSER. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Walter José Evangelista; Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **Sobre reprodução**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRAYNER, Flávio. **Fundamentos da educação: Crise e reconstrução**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2015.

LIBÂNIO, José Carlos. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

RODRIGUES, Neidson. **Lições do príncipe e outras lições**. 17 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: Do senso comum à consciência filosófica. 18 ed. Campinas São Paulo: Autores associados, 2000.